

AS TRANSFORMAÇÕES DO CARNAVAL OURO-PRETANO NA DÉCADA DE 1980: O PAPEL DAS INICIATIVAS MERCADOLÓGICAS NA CONFIGURAÇÃO DE UM NOVO FORMATO PARA A FESTA

Recebido em: 18/08/2014

Aceito em: 09/01/2015

*Sarah Teixeira Soutto Mayor*¹
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar e discutir as transformações observadas no carnaval da cidade de Ouro Preto (Minas Gerais), durante a década de 1980, atentando-se, especificamente, às iniciativas mercadológicas gestadas neste momento. Para isso foram pesquisadas reportagens do jornal Estado de Minas, principal periódico circulante no estado no período em questão. Pode-se concluir que o ano de 1984 configura-se como um marco para as transformações da festa, pois nessa ocasião, houve uma explícita preocupação em tornar o carnaval um atrativo turístico, com um auxílio representativo de investimentos públicos e privados, situação não vislumbrada anteriormente. Essas iniciativas contribuíram para que o carnaval de Ouro Preto, pouco popular nas páginas do jornal no início dos anos 1980, fosse divulgado como um dos principais do estado no final da década.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Turismo.

**THE TRANSFORMATIONS OF OURO PRETO'S CARNIVAL IN THE 1980s:
THE IMPORTANCE OF MARKETING INITIATIVES IN CONFIGURING A
NEW FORMAT FOR THE PARTY**

ABSTRACT: This paper aims to present and discuss the changes observed in the carnival of Ouro Preto city (localized in the Minas Gerais' state), during the 1980s, focusing specifically to the marketing initiatives gestated at this time. For this, were investigated the newspaper "Estado de Minas", main circulating journal in the state during the period in question. It can be concluded that the year 1984 is configured as a historical mark for the transformations of the party, because in this time, there is an explicit concern to make the carnival a tourist attraction, with a fairly representative help of public and private investments, a situation not previously envisioned. These initiatives contributed wherefore the carnival of Ouro Preto, with low popularity in the pages of the newspapers in early 1980s, was published as one of the main in the state at the end of the decade.

KEYWORDS: Leisure Activities. Tourism.

¹ Doutoranda em Estudos do Lazer pela UFMG. Bolsista de Doutorado pela Capes.

Introdução

Este artigo discute as recentes transformações do carnaval da cidade de Ouro Preto (MG), por meio de indícios presentes em um importante jornal que circula no estado mineiro, o *Estado de Minas*. Extraído da pesquisa de mestrado intitulada “O carnaval de Ouro Preto: mercado e tradição (1980-2011)”, o artigo propõe apresentar e problematizar as iniciativas mercadológicas iniciadas ou consolidadas na primeira década da temporalidade eleita para a pesquisa: os anos 1980.

Cidade histórica do interior de Minas Gerais, Ouro Preto tem o carnaval como uma de suas principais manifestações festivas. Remonta ao período de predomínio do entrudo² no Brasil e no estado mineiro, com registros que datam do século XVIII. De acordo com Silva (1969), nos anos de 1734 e 1735, já havia tentativas de proibição deste costume em Ouro Preto, festejo considerado pelas autoridades da época como uma brincadeira incivilizada. No século XIX, o principal jornal circulante na cidade, chamado *O Universal*, publicou em uma edição do ano de 1826, a necessidade de erradicar um “mal tão pernicioso à sociedade” (n.86, p.4). Isto se devia pela característica da comemoração. Uma das brincadeiras consistia em jogar água, farinha e até urina nas pessoas que passavam na rua no período precedente à Quaresma.

O entrudo, embora tenha sido uma manifestação diferente do que entendemos hoje como carnaval, também possuía como principal marca características do “carnavalesco”, denominação descrita por Bakhtin (2008, p.9) como uma paródia da vida ordinária e uma “lógica original das coisas ao avesso”. Mesmo considerando as

² Segundo Araújo (2008), um dos significados do termo seria “entrada” e sua criação estaria ligada a festejos portugueses de comemoração do início da primavera, antes do Cristianismo. Com o tempo, foi incorporado ao calendário cristão, atendendo aos próprios interesses da igreja, e recebeu uma data fixa, passando a designar os dias de despedida da carne e o início do período quaresmal.

descontinuidades históricas entre uma manifestação e outra, ambas se constituíram na cidade como importantes brincadeiras vivenciadas na rua e coincidiram no tempo, pois há manifestações que foram criadas no período do entrudo e se mantiveram no carnaval. De fato, considerando que a história de Ouro Preto se inicia no final do século XVII, pode-se ter uma ideia da longevidade de costumes como estes e de sua relevância na cultura ouro-pretana.

Dos primórdios do entrudo português, resta ainda na cidade o bloco que foi retratado nas reportagens pesquisadas como o mais antigo do Brasil em atividade. O Zé Pereira dos Lacaios, criado em 1867, ainda hoje desfila pelas ruas de Ouro Preto, preservando algumas de suas características originais. Trazido à cidade por influência das brincadeiras que já ocorriam no Rio de Janeiro, capital do Império naquele período, foi ressignificado na capital da província mineira, com bonecões gigantes, estandartes e tocadores de bumbo compondo a sua passagem pelas ladeiras.

Já em meados do século XX, outra manifestação criada em solo carioca chegaria a Ouro Preto, assim como em grande parte das cidades de Minas Gerais e do Brasil: as escolas de samba. Com características bastante similares, observadas as devidas proporções entre o Rio de Janeiro e a cidade interiorana, as escolas foram criadas em Ouro Preto a partir da década de 1950, consolidando-se como uma das principais manifestações da cidade até o final da década de 1980. O aproximar da década seguinte revelaria novas formas de vivenciar a festa, demandando modificações em sua organização e estrutura.

O progressivo reconhecimento do carnaval como possibilidade de promoção do turismo e de geração de riqueza ao município foi fator de significativa relevância para as mudanças que se iniciariam. Da mesma forma, outras demandas colaboraram com o

novo cenário que se delineava. No começo dos anos 1980, os trios elétricos baianos já ameaçavam a majestade das escolas de samba cariocas no carnaval brasileiro.

Em Ouro preto, no ano de 1982, por iniciativa de comerciantes locais, sons mecânicos foram instalados em janelas e sacadas de uma das principais ruas do centro, a São José, retirando a centralidade da Praça Tiradentes, principal marco histórico da cidade. A denominada “janela elétrica”, uma clara menção aos trios elétricos baianos, demarca um momento importante nas transformações da festa que, até então, concentrava-se no desfile das escolas de samba e de alguns blocos, a exemplo do já citado Zé Pereira dos Lacaio.

O surgimento de novas possibilidades chama a atenção para as motivações presentes nos movimentos de mudança ocorridos no início dos anos 1980, quando aparentemente se rompe com uma perspectiva de festa vivenciada por um longo período. As reportagens e diversos outros recursos jornalísticos coletados nos anos iniciais da pesquisa demonstram certa noção de continuidade das principais manifestações citadas até o momento de criação da janela elétrica e, sobretudo, a partir do ano de 1984, quando novas formas de investimento começam a surgir no carnaval.

Este artigo pretende, assim, abordar as transformações observadas na festa ouro-pretana no decorrer da década de 1980, atentando-se não apenas às transformações em si, mas aos possíveis interesses presentes nas tentativas de construção de um novo carnaval. Objetiva-se problematizar os percursos da festa por meio da análise de reportagens do *Estado de Minas*, um representativo impresso que se dedicou a noticiar o carnaval de Ouro Preto no período proposto.

A escolha da temporalidade da pesquisa também observou outras particulares importantes da década de 1980, referentes à cidade de Ouro Preto e ao contexto

nacional. Em 1984 houve a criação do sambódromo, o que contribuiu para o aumento da espetacularização dos desfiles das escolas cariocas, bem como, de sua influência no restante do país e da veiculação midiática desta manifestação como um dos principais símbolos do carnaval brasileiro. Nos anos 1980, também a festa baiana começou a ganhar maior repercussão, com a ascensão do axé *music* e dos trios elétricos, como dito anteriormente. As duas situações mencionadas constituem fatores importantes para pensar o crescimento das iniciativas mercadológicas no carnaval nacional.

Já em se tratando especificamente da cidade de Ouro Preto, o ano de 1980 possui uma importância singular em sua história. No dia cinco de setembro, a cidade recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Este fato significou maior visibilidade em âmbito nacional e internacional, contribuindo para a entrada de investimentos públicos e privados e para a promoção da cidade via turismo, concomitante ao próprio desenvolvimento deste setor no país. Conforme aponta Duarte (2010), nos anos 1980 o turismo nacional foi amplamente impulsionado como forma de desenvolvimento do Brasil, o que também pôde ser comprovado nas diversas fontes consultadas. Pensar a relação entre mercado e carnaval, pressupõe, assim, considerar também possíveis influências do turismo na conformação da festa.

A escolha do jornal como fonte principal considerou a sua possibilidade privilegiada de construção e veiculação de fatos acerca da manifestação estudada, considerando, também, todo um contexto social de produção e disseminação de informações do próprio veículo. Conforme ressalta Viera (2007), o jornal pode ser entendido como lugar de produção, veiculação e circulação de discursos, assumindo função importante no processo de formação das representações sobre o mundo.

A seleção do jornal Estado de Minas levou em consideração a representatividade que possui para o contexto pesquisado. Este impresso, criado em 1928, pode ser considerado o jornal de maior relevância no cenário mineiro. De circulação diária e presente em todos os anos da década de 1980, abarca, assim, toda a temporalidade eleita para a pesquisa.

Quaisquer possibilidades de reportagens, textos e informações diversas foram selecionadas, observando-se variadas formas de apresentação e inserção no jornal, como notícias, crônicas, colunas de opinião, notas informativas, propagandas, dentre outros. Além do conteúdo geral de cada material selecionado, foram observadas a disposição no conjunto do jornal e na página onde se inseriam e a presença de fotos e manchetes.

Neste processo, foram pesquisados indícios que poderiam contribuir para a compreensão das transformações da festa ao longo dos dez anos de produção jornalística. Concordando com Ginzburg (1991, p.156), para quem “o conhecimento histórico é indireto, indiciário e conjectural”, procurou-se atentar aos detalhes presentes em cada reportagem/produção textual, a fim de possibilitar a posterior reconstrução de fatos e transformações.

O carnaval de Ouro Preto nos anos iniciais da década de 1980: popularidade e representatividade no cenário mineiro

O momento inicial da década é composto, neste trabalho, pelos anos de 1980, 1981, 1982 e 1983. Esta escolha observou um conjunto de situações importantes que surgiram a partir do ano de 1984 e que demandaram transformações relevantes na estrutura e na organização do carnaval, como o progressivo reconhecimento do potencial turístico da festa e o aumento de sua divulgação nos meios de comunicação e

em demais estratégias de promoção. A entrada de novas formas de investimento, com uma abertura maior ao capital privado, também marca a passagem para a outra metade da década.

Nos anos iniciais nem sequer foi citada qualquer forma de patrocínio ou apoio de empresas privadas; investimentos públicos também não foram muito noticiados e nenhum empreendimento com o intuito de promover a festa foi observado. Neste momento, o carnaval de Ouro Preto era pouco retratado no *Estado de Minas* em relação a outras cidades mineiras, como Juiz de Fora e São João Del Rei, consideradas, na maior parte das fontes desse período, como as que teriam o principal carnaval mineiro.

Não apenas a quantidade de notícias publicadas chamou a atenção, mas, principalmente, o conteúdo das reportagens que enfatizavam a centralidade das duas cidades supracitadas: “São João Del Rei anuncia o mais animado carnaval” (ESTADO DE MINAS, 1984, n.16.140, p.6); “São João Del Rei promete o maior carnaval de Minas” (ESTADO DE MINAS, 1984, n. 16.142, p.18); “São João Del Rei como sempre faz o melhor carnaval mineiro” (ESTADO DE MINAS, 1984, n.16.153, p.2); “Samba carioca ajudará escola de Juiz de Fora” (ESTADO DE MINAS, 1981, n.15.290, p.20); “... a cidade continua se preparando para o melhor carnaval de Minas Gerais” (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.005, p.24). Nesta reportagem é ressaltada a ligação deste município com o carnaval do Rio de Janeiro, ao destacar o “contato com empresas interessadas em levar para Juiz de Fora turistas estrangeiros que não tenham conseguido ingresso para bailes cariocas”, além do intercâmbio de integrantes de escolas de samba, como o apoio recebido pela bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, no ano de 1980 (*idem*).

De mesma relevância também era à disposição das reportagens. Quando noticiados, os carnavais de São João Del Rei e Juiz de Fora ocupavam grande espaço nas páginas do jornal dedicadas ao tema. Muitas fotos também eram utilizadas, em tamanho bastante ampliado, aumentando o destaque destas festas e contribuindo para diferenciá-las das outras cidades.

As notícias sobre o carnaval da cidade de Ouro Preto, embora destacassem a especificidade da festa pautada em suas características históricas, dividiam espaço com o anúncio dos festejos em várias outras cidades do interior mineiro. Além dos já destacados carnavais de Juiz de Fora e São João Del Rei, ganhavam destaque as festas nas cidades de Montes Claros, Vespasiano, Lagoa Santa, Caeté, Nova Lima, Poços de Caldas, Betim, São João Nepomuceno, Formiga, Rio Novo, Pouso Alegre, Passos, Lavras, entre outras.

Nesses anos iniciais, o reduzido número de reportagens aliava-se também à disposição das mesmas no jornal. No geral, eram pequenas notícias e breves notas. Quando recebia maior enfoque, o carnaval de Ouro Preto ganhava destaque misturado aos das outras cidades históricas, como parte de um “pacote de antiguidades”. Apenas uma única reportagem do ano de 1981 dedicou toda uma página para a festa ouro-pretana, com fotos de escolas de samba misturadas a paisagens aleatórias da parte histórica da cidade. Outras ocupavam meia página ou espaço menor, a maior parte em colunas laterais ou próximas à margem inferior. Poucas reportagens também vinham ilustradas por fotos e, quando isso acontecia, as escolas de samba eram as principais representantes, mesmo quando o título da reportagem referia-se ao bloco Zé Pereira dos Lacaios.

Outro indício que pode demonstrar a pouca procura pela cidade de Ouro Preto no período em questão é o conjunto de reportagens que abordava a venda de passagens de ônibus no país e no interior do estado. Ouro Preto não fazia parte do conjunto de cidades mais procuradas pelos foliões que se deslocavam para as festas, tendo como referência a rodoviária de Belo Horizonte. Diante de tantas reportagens que noticiavam a compra de passagens e o seu rápido esgotamento para diversificados destinos mineiros, a ausência de Ouro Preto como um dos lugares procurados em meio ao anúncio de tantas outras cidades não poderia passar despercebida.

Nas inúmeras reportagens que se ocupavam em noticiar os principais destinos e as condições de aquisição das passagens, como venda antecipada e levantamento dos destinos com bilhetes esgotados, as cidades mais disputadas estavam sempre em evidência: “Os locais mais procurados são São João Del Rei, Tiradentes, Poços de Caldas, Araxá, Caxambu e São Lourenço” (ESTADO DE MINAS, 1981, n.15.325, p.8). Outra reportagem citava como destinos mais procurados do interior mineiro, São João Del Rei, Juiz de Fora, Lavras, Pouso Alegre, Poços de Caldas, Formiga, Montes Claros, Nova Lima, Diamantina, Pedro Leopoldo e mais vinte e quatro cidades de uma lista em que não aparecia Ouro Preto (ESTADO DE MINAS, 1981, n.15.335, p.7).

Importante ressaltar que estes são apenas alguns dos inúmeros indicativos que podem ser utilizados para perceber a procura e a movimentação do carnaval ouro-pretano no início da década. Mesmo considerando outras possibilidades, a combinação da frequência e do conteúdo das reportagens com os informes acerca da venda de passagens pode ser um indício da pequena representatividade e popularidade da festa de Ouro Preto neste período, com um fluxo de turista bem inferior a muitas cidades mineiras.

Diante destes dados, é possível inferir que o carnaval ouro-pretano, neste período, era uma festa de proporções pequenas, de caráter prioritariamente local e com pouca veiculação midiática. Duas eram as principais manifestações noticiadas nos jornais, as escolas de samba e os blocos caricatos, com suas apresentações concentradas na principal praça da cidade, a Tiradentes.

“A Praça Tiradentes, pequena para acolher milhares de foliões, enche-se de luzes e cores”³

Nos anos iniciais da década, o carnaval de Ouro Preto foi marcado por certa regularidade, embora com algumas exceções, como a criação da janela elétrica em 1982. Porém, mesmo estabelecendo um novo momento para o carnaval, os seus efeitos seriam sentidos, com mais veemência, nos anos posteriores.

A festa era vivenciada prioritariamente nas ruas da cidade, em especial, na Praça Tiradentes. Principal marco histórico de Ouro Preto, onde se encontram o Museu da Inconfidência e a estátua em homenagem ao alferes Tiradentes, lá desfilavam as escolas de samba e os poucos blocos que existiam na cidade neste período, com destaque especial ao Zé Pereira dos Lacaíos. Este bloco e as escolas constituíam as principais atrações do carnaval ouro-pretano.

Ambos guardam, em suas histórias, relações com a festa carnavalesca carioca. Araújo (2008, p.121) observa que a cidade do Rio de Janeiro tornou-se, desde o século XIX, um centro de aprovação, adoção e difusão do carnaval, “de maneira a constituir-se, no plano interno, um modelo no que diz respeito às novas maneiras de festejar”.

³ ESTADO DE MINAS, 1982, n.15.582, p.14.

De acordo com Cunha (2002), Ferreira (2004) e Araújo (2008) uma brincadeira carnavalesca com o nome de Zé Pereira surgiu nas ruas do Rio de Janeiro em meados do século XIX. Embora Ferreira (2004) aponte controvérsias em relação à data de seu surgimento⁴, afirma que é consenso entre a maior parte dos estudiosos que a brincadeira começou no Brasil quando certo José Nogueira desfilou pelas ruas do Rio de Janeiro durante os dias de carnaval batendo um grande bumbo.

Ferreira (2004, p.210) caracteriza a brincadeira “pela batida, ao estilo europeu, de tambores e taróis, diferenciando-se, desse modo, dos chamados batuques negros que utilizavam outros tipos de instrumentos de percussão”. Outra caracterização fornecida por este autor refere-se à vestimenta dos seus integrantes: “um grupo de homens vestidos com roupas usadas (ou mesmo trapos) tocando grandes surdos e arrastando em torno de si animados foliões atraídos pela barulhada” (2004, p.210).

A utilização dos instrumentos de percussão também é destacada por Cunha (2002, p. 374) nesta passagem em que descreve algumas manifestações do carnaval carioca na segunda metade do século XIX:

[...] foliões avulsos envergando fantasias como diabinhos, princeses, dominós e palhaços, mortes, caveiras, morcegos, entre muitos mascarados de vários tipos e qualidades dedicavam-se ao velho hábito da injúria carnavalesca: habilidosos dançarinos negros e mulatos, caracterizados como velhos de enormes cabeças exibiam sua perícia pelas esquinas, ao som de palmas de assistência casual ou da percussão de algum Zé Pereira que acompanhassem pelas ruas.

O folguedo carioca foi também bastante evidenciado no jornal Estado de Minas. Várias reportagens ocuparam-se em descrever as possíveis origens do Zé Pereira:

⁴ Ferreira aponta os estudos de três autores como exemplo dessa controvérsia. Eneida de Moraes, para quem essa manifestação teria se originado em 1846; Luiz Edmundo, com a data de 1852 e Hiram Araújo, que cita como possíveis datas, os anos de 1846, 1848 e 1952.

A literatura existente sobre o carnaval descreve o Zé Pereira, ou melhor, o José Nogueira de Azevedo Paredes, um humilde sapateiro, com oficina montada na Rua de São José, 22, Rio de Janeiro, como um homenzarrão amorenado e simpático a toda prova, olhos brejeiros, bigode curto e aparado a capricho, cabelo grisalho com corte à escovinha, barba sempre bem escanhoada, musculatura de atleta, peito farto de cabelos, calça de brim pardo apertada com amplo abdome por uma estreita correia – sonegação ao suspensório que era o habitual da época – possuidor de ar saudável e sempre risonho. Foi numa segunda-feira de carnaval, em 1852, que José Nogueira saiu à rua com um grupo de amigos, ao som de zabumbas e tambores alugados às pressas para uma passeata [...] (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.017, p.6).

A reportagem, sem autoria definida, aproxima-se das características das versões descritas por Ferreira (2004), que enfoca os instrumentos de percussão e a origem humilde do precursor do bloco nas ruas cariocas. A associação com o popular vai ao encontro da pesquisa de Cunha (2002), pois segundo esta autora, memorialistas relatavam os grupos de Zé Pereiras como frequentados, exclusivamente, por portugueses brutos que “esmurravam tambores e consumiam pipas e pipas de vinho” (p.379).

A versão construída em Ouro Preto recebeu o nome de Zé Pereira dos Lacaiois e embora guarde evidentes relações com a brincadeira carioca, adquiriu contornos específicos. Para além do som da percussão, bonecos gigantes e lampadários também seriam bastante representativos nas ladeiras da cidade.

Nos primeiros anos da década, o bloco era veiculado como uma das principais atrações do carnaval da cidade. Os festejos de 1980 foram assim noticiados: “O ponto alto é o centenário Zé Pereira dos Lacaiois, a mais antiga agremiação carnavalesca do país. O bloco abre o carnaval da cidade, desfilando no sábado, às 20h, na Praça Tiradentes [...]” (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.009, p.8). A reportagem a seguir

caracteriza com detalhes os personagens do bloco e a forma como desfilavam pelas ruas da cidade:

À frente, saem em disparada os cariás, pequenos demonetes que tiram faíscas da calçada com seus tridentes e põem a meninada em algazarra, gritando ‘Zé Pereira’. Depois, vem a Baiana e os Catitões, enormes bonecos que gíngam bizarramente, enquanto os clarins anunciam o avanço da bateria, subindo a ladeira de Antônio Dias em direção à Praça e à Rua São José. Grandes lampadários com velas acesas são outra marca dos tempos antigos, conservada pelo Clube dos Lacaio (ESTADO DE MINAS, 1981, n.15.327, p.1).

Outras reportagens também destacam essas características: “[...] os gigantescos bonecos – os cariás, a Baiana e o Zé Pereira – fazem ainda a alegria da criançada, que grita ‘Zé Pereira’ em coro para acompanhar a estrondosa bateria” (ESTADO DE MINAS, 1983, n.15.795, p.2). Intitulada “Os Lacaio, cem anos de animação em Ouro Preto”, esta notícia anuncia que o bloco, desde o seu surgimento, está a subir e descer ladeiras, “com seus enormes lampadários de velas, o ritmo inconfundível do Zé Pereira, os diabretes Cariás abrindo alas por entre o povo e a meninada e os gigantescos bonecos, as baianas e os Catitões, gíngando na frente do cortejo” (ESTADO DE MINAS, 1980, n.15.009, p.8).

Mesmo com algumas imprecisões, a maior parte das fontes consultadas concorda sobre a forma como o bloco surgiu em Ouro Preto. O Zé Pereira teria sido criado em 1867, “quando os serviçais do Palácio dos Governadores⁵ da Província de Minas resolveram organizar uma agremiação para brincar no entrudo” (ESTADO DE MINAS, 1980, n.15.009, p.8). O termo lacaio seria uma alusão aos funcionários considerados bajuladores. Ressaltava-se que a criação tinha o objetivo de “lançar em

⁵ Ouro Preto, até a criação da cidade de Belo Horizonte no final do século XIX, era a capital de Minas Gerais e o Palácio dos Governadores ocupava o prédio onde, desde 1876, encontra-se a Escola de Minas que, atualmente, pertence à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Minas o ritmo do Zé Pereira em moda nas festas do entrudo na Corte do Rio de Janeiro” e introduzi-lo “nos animados préstitos da Rua São José” (*idem*).

Também as escolas de samba obtiveram grande popularidade no carnaval de Ouro Preto nos anos iniciais da década de 1980, representada pelo expressivo número de reportagens veiculadas no Jornal Estado de Minas.

Nesse momento, o carnaval carioca era veiculado como a grande referência de carnaval no Brasil. Difícil não relacionar as escolas de samba ouro-pretanas à influência das escolas cariocas e ao que se convencionou ser o carnaval no Rio de Janeiro ao longo de sua história. Os nomes, a conformação dos desfiles, a utilização de alas, os tipos de fantasias e os carros alegóricos, bem como, a necessidade de premiação de uma vencedora, são apenas alguns dos muitos indicativos das semelhanças. Segundo Ferreira (2004, p.338), as escolas de samba

[...] foram um produto cem por cento carioca, surgido através da articulação das muitas influências negras de macumbas, candomblés e batuques, temperadas pelos encontros de grupos carnavalescos pelas ruas do Rio de Janeiro e de toda uma gama de interesses políticos, sociais e econômicos.

O autor ressalta que no final dos anos 1920 grupos de samba compostos por alguns rapazes que cantavam suas músicas numa espécie de conjunto musical conhecido como “samba de morro” começaram a adquirir visibilidade na imprensa e na elite intelectual da época, “desejosa de entrar em contato com a ‘verdadeira’ cultura do povo brasileiro” (2004, p. 338). Segundo Ferreira (2004), a valorização crescente do nacionalismo nos anos 1930 e o interesse na criação de uma festa genuinamente popular fizeram com que os grupos de “samba de morro” (apropriando-se também de algumas das características dos cordões e blocos) fossem conhecidos como “escola de samba”.

O autor cita o exemplo da música “Brasil Pandeiro”, composta por Assis Valente em 1940, que coroou esse movimento através da associação da imagem do país com o pandeiro, símbolo do samba. Os trechos da música, como “chegou a hora dessa gente bronzada mostrar seu valor” e o incentivo ao Brasil para esquentar seus pandeiros e iluminar seus terreiros, tornariam, segundo Ferreira (2004), o Rio de Janeiro e todo o país, territórios do samba.

Neste contexto, as escolas de samba ganhariam maior destaque com o passar dos anos, o que foi posteriormente potencializado com as ações da mídia impressa, que promoveu suas atividades e se responsabilizou pelos primeiros concursos entre elas ⁶.

O sucesso desta manifestação alcançaria grande parte do país. As escolas de samba foram noticiadas como as principais manifestações carnavalescas em todas as cidades de Minas Gerais retratadas no jornal Estado de Minas, no começo dos anos 1980. Estavam presentes na maior parte das fotografias e manchetes do carnaval. Alguns exemplos: “Carnaval terá 32 escolas sambando na Afonso Pena” (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.007, p.4), na cidade de Belo Horizonte; “Desfile de passistas, o ponto alto de Vespasiano” (ESTADO DE MINAS, 1980, n.14.999, p.13); “Carros alegóricos no carnaval de Uberaba” (ESTADO DE MINAS, 1980, n.15.011, p.20); “Mocidade Unida comanda o carnaval de Piumhi” (ESTADO DE MINAS, 1980, n.15.007, p. 14); “A Unidos do Bairro de Fátima abre o desfile em Ponte Nova” (*idem*);

⁶ Segundo Ferreira (2004): “A festa carnavalesca do ano seguinte (1932) seria um verdadeiro marco na história do carnaval brasileiro por sua oficialização promovida pelo prefeito Pedro Ernesto. No projeto da Prefeitura estava incluído um concurso de músicas carnavalescas que acabou por ser chamado de Concurso de Sambas. Apesar do caráter oficial do evento, sua organização correria a cargo dos órgãos da imprensa, sempre ativa e interessada em promover disputas entre os grupos carnavalescos. Entretanto, ao que parece, nenhum dos grandes periódicos se interessou em organizar uma disputa específica entre ‘escolas de samba’ - nome pelo qual os grupos de samba já começavam a ser conhecidos -, e o jornal Mundo Esportivo, recém-criado, acabaria ocupando esse espaço”.

“Pouso Alegre institui prêmios para escolas” (ESTADO DE MINAS, 1980, n.15.005, p.24); “Escolas de samba: o toque maior do carnaval de Poços de Caldas” (*idem*).

Em Ouro Preto, isso não foi diferente. Mesmo com o bloco Zé Pereira ocupando a maior parte das manchetes, o conteúdo relacionado às escolas ocupava a maior parte das reportagens, com uma utilização bem mais significativa de recursos fotográficos.

Ouro Preto inicia este momento com cinco representantes: Império do Morro de Sant’Ana (1957), Unidos do Padre Faria (1970), Imperial de Ouro Preto (1974), Sinhá Olímpia (1975) e Inconfidência Mineira (ESIM) (1972). No ano de 1982, passa a contar também com a Acadêmicos de São Cristóvão que, embora tenha sido criada em 1980, começou a participar do concurso dois anos depois.

Apesar das escolas de samba terem sido bastante noticiadas nesse período, poucas foram as reportagens que se preocuparam em contar a sua história e o início de sua participação no carnaval. Os nomes de metade delas remetem aos bairros de onde surgiram, como a Império de Morro Santana, a Unidos de Padre Faria e a Acadêmicos de São Cristóvão. As outras três remetem à história da cidade e de seus moradores. A Inconfidência Mineira, nome que faz referência ao movimento de ordem separatista contra o domínio português ocorrido em 1789, foi criada no bairro Antônio Dias; a Imperial de Ouro Preto, termo que remete ao título de “Imperial cidade” conferido por D. Pedro I em 1823⁷, foi criada por moradores dos bairros Rosário e Pilar; já a Sinhá Olímpia presta uma homenagem à Dona Olímpia, uma importante personagem da cidade.

⁷ Informação coletada no site da Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Disponível em: <<http://www.ouropreto.mg.gov.br>>. Acesso em 20 de nov. de 2010.

Vários indícios apontam a importância das escolas de samba para a festa ouro-pretana no início da década de 1980, como em uma reportagem do ano de 1982 que anunciou que a Praça Tiradentes seria “pequena para acolher milhares de foliões”, enchendo-se de “luzes e cores” para assistir aos desfiles das seis escolas concorrentes (ESTADO DE MINAS, 1982, n.15.582, p.14). O detalhamento na caracterização dos desfiles e a presença de notícias periódicas sobre ensaios, premiações e verbas disponibilizadas também testemunhavam a favor da relevância das escolas para Ouro Preto. Após a realização do carnaval de 1980, o desfile da escola vitoriosa, Inconfidência Mineira, foi assim retratado:

[...] um *show* de apresentação, tanto na parte de fantasias quanto na evolução de passistas. A bateria, com Fernando no apito, foi sensacional, com um novo repique e um ritmo quente que fizeram com que o povo presente à Praça Tiradentes não poupasse aplausos à escola, aplausos, aliás, que não faltaram durante os três dias de Carnaval (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.018, p.6).

Em outro trecho de reportagem, também é possível perceber o que representavam as escolas no carnaval da cidade e a forma como eram noticiadas naquele momento:

Na terça-feira, a ESIM levou à Praça para completar a alegoria, uma liteira carregando uma dama de antigamente. Era transportada por elementos caracterizando os escravos. Isto mostrava o tempo de Chico Rei. Além da liteira, a Inconfidência Mineira mostrou, ainda, um carro alegórico que também caracterizava o enredo e, por ter sido a última escola a desfilar, Ouro Preto teve um excelente fim de carnaval (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 14.993, p.22).

O final da última frase demonstra como o sucesso da festa estava relacionado ao desfile das escolas, ao afirmar que Ouro Preto teve um “excelente final de carnaval” com o bom desfile da Inconfidência Mineira que, posteriormente, sagrou-se campeã.

As escolas compunham, assim, a principal atração do carnaval ouro-pretano, junto ao bloco Zé Pereira dos Lacaio. No entanto, outras possibilidades de vivência da festa também foram percebidas, embora com menor destaque, como os blocos caricatos Charanga do Carlota, Bandalheira, Balanço da Cobra, Zé Pereira do Palácio Velho, Quem não é não entra e o Banjo de Prata. Alguns aparecem sem muita expressão, tentando uma possível consolidação na festa nesses anos iniciais da década.

Surgiram, também, no conjunto das reportagens, os denominados “bailes populares” que aconteciam nas ruas, sobretudo, na Praça Tiradentes. Esses bailes eram promovidos pela Prefeitura Municipal por intermédio da Secretaria de Turismo e Cultura e consistiam, basicamente, em apresentações de bandas e conjuntos musicais da região e a população podia participar gratuitamente.

[...] tome baile! Bailes populares por todo lado, à noite e de dia, que o povão gosta e ginha bonito nos salões. A orquestra do maestro Odilon Vilas-Boas inicia um sambão quente-ferendo e o povão, que vai sambar este ano até cair, responde de cá, com um ritmo de deixar qualquer um abobalhado (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 14.999, p.12).

Pelo trecho destacado pode-se perceber a abrangência, o público frequentador e o tipo de apresentação musical que acontecia no ano em questão. Segundo outra fonte, também do ano de 1980, os bailes aconteciam durante as tardes e as noites de carnaval, na Praça Tiradentes e no Largo dos Contos, localizado no centro da cidade (ESTADO DE MINAS, 1980, n.15.016, p.5).

Bailes de caráter privado também ocorriam com frequência durante o início da década em alguns clubes da cidade, como no Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), no Aluminas e no XV de Novembro. No entanto, mesmo com a existência dos

clubes, a festa ouro-pretana se caracterizou, nos anos iniciais da década de 1980, como uma manifestação vivenciada, prioritariamente, nas ruas.

A Praça Tiradentes era o ponto principal, com outras ruas centrais também ocupando lugar de destaque, como a Rua Direita e a Rua São José. Por meio das inúmeras reportagens do período, percebe-se o caráter público da festa, bem como, certa espontaneidade na realização das manifestações, caracterizada pela pouca preocupação com uma programação estruturada.

Embora provavelmente houvesse um horário estipulado para os desfiles, era pouco importante a rigidez de um tempo determinado. Alguns exemplos demonstram a pouca preocupação com um tempo organizado ou com a divulgação de uma programação: “Bailes populares à noite e à tarde” (ESTADO DE MINAS, 1980, n.14.993, p.22); “Na virada da noite é hora dos bailes” (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.327, p.1). No ano de 1982, os bailes dos clubes foram anunciados “até o sol raiar” (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.578, p.5). As matinês aconteciam “durante o dia” e em todas as noites antes do início do carnaval as baterias das escolas saíam pelas ruas centrais.

Apenas em duas reportagens havia a preocupação em divulgar o horário dos desfiles do bloco Zé Pereira e das escolas de samba, mas sem detalhes muito precisos sobre o tempo destinado a eles, atendo-se à apenas informar o início, entre 19h e 20h, e no caso de uma das reportagens, o término previsto, às 2h. Mesmo em uma reportagem em que se anunciava que a festa ouro-pretana seria filmada por cinegrafistas do país e do exterior não havia a divulgação de uma programação para que os possíveis telespectadores pudessem se inteirar (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.016, p.5).

Outra característica importante deste período é a abrangência da festa na cidade. No ano de 1982, há o destaque para os bailes populares e para a amplitude do carnaval no território ouro-pretano.

[...] haverá animados bailes até o sol raiar, o que acontece também na Praça Tiradentes sob o comando do maestro Odilon Vilas Boas. Do Padre Faria às Cabeças, de Saramenha ao Morro de São Sebastião, a cidade transforma-se numa grande festa e anuncia mais um carnaval que por sua originalidade e descontração, ocupa lugar de destaque entre os principais do país (ESTADO DE MINAS, 1982, n. 15.582, p14).

Neste trecho de reportagem é possível perceber a menção a quatro bairros da cidade de Ouro Preto que não fazem parte do conjunto do centro histórico. Esta referência faz remeter às observações de Brandão (1989, p.46) sobre a constituição da cidade de Ouro Preto e sua divulgação. Segundo o autor, existe outra cidade oculta aos turistas, a periferia, construída pelo ciclo do ouro e, recentemente, pelo ciclo do alumínio, muito diferente da “cidade ‘oficialmente’ reconhecida como existente apenas no interior de seu circuito histórico”. Nesse caso, torna-se relevante pensar a publicação da festa nesse momento, que não priorizava apenas o centro, mas também, as regiões periféricas.

Nos anos seguintes, estas características sofreram alterações significativas, devido, entre outras circunstâncias, às novas motivações que passaram a fazer parte da organização e divulgação do carnaval ouro-pretano.

1984 e o desenrolar da década: “O carnaval de Ouro Preto, neste ano, vai ser um dos mais animados do interior de Minas Gerais [...]”⁸

⁸ ESTADO DE MINAS, 1984, n.16.146, p.14.

O motivo para a escolha de 1984 como marco inicial para pensar esta segunda fase do carnaval de Ouro Preto deve-se à percepção de mudanças significativas ocorridas neste ano, tais como: o aumento da procura pela cidade, seguida de um possível crescimento de sua popularidade; o anúncio de estratégias de promoção da festa pela Prefeitura Municipal; a veiculação de investimentos privados; o aumento considerável do número de reportagens sobre o carnaval ouro-pretano neste período.

No decorrer dos anos 1980 há o começo de uma mudança na proporção e na composição das reportagens: de pequenas notícias que se ocupavam, principalmente, em retratar as escolas de samba e o bloco Zé Pereira dos Lacaios, para grandes manchetes e reportagens sobre o surgimento de outros blocos e do som mecânico nas ruas (a “janela elétrica”), marcas principais deste período.

Percebe-se, neste momento, um crescimento mais acentuado do carnaval de Salvador e de suas influências pelo resto do país, aumentando também as críticas a esse modelo. Nesta ocasião, Minas Gerais e o carnaval de algumas de suas cidades históricas começam a ganhar mais destaque. O aumento do reconhecimento do valor de mercado do carnaval e de seu potencial turístico seriam alguns dos responsáveis pelas mudanças que viriam.

O primeiro ponto que chama a atenção é o aumento do número de reportagens. Do total de quarenta e cinco coletadas no período entre 1980 e 1984, este ano, sozinho, somou vinte. A princípio, a análise isolada do número de reportagens publicadas como forma de mensurar o aumento de expressão do carnaval é inconsistente, mas, combinando-se com as outras evidências apontadas, possibilidades concretas podem ser oferecidas para pensar mudanças.

O aumento de reportagens se deu, justamente, no ano em que a Prefeitura de Ouro Preto promoveu o “Salão do Carnaval”, uma exposição que teve o intuito de contar a história da festa na cidade, realizada no anexo do Museu da Inconfidência. A mostra era composta por “alegorias, fantasias, instrumentos musicais, fotos antigas, obras de artistas plásticos, tudo sob um fundo sonoro de marchas e sambas reproduzidos de discos 78 rotações da década de 1930”, integrando um projeto do Instituto de Artes e Cultura da UFOP (ESTADO DE MINAS, 1984, n. 16.146, p.18). Outra manchete também destacava o evento: “Ouro Preto conta a história do carnaval” (ESTADO DE MINAS, 1984, n.16.157). Esta iniciativa, além de possibilitar “um levantamento sobre a memória do carnaval da cidade” (ESTADO DE MINAS, 1984, n. 16.146, p.18), poderia, também, sinalizar a intenção da Prefeitura Municipal em aumentar a divulgação do carnaval ouro-pretano.

Outras ações colaboram para pensar uma possível tentativa de mudança na estrutura do carnaval, como a participação de empresas privadas como patrocinadoras ou apoiadoras da festa, como foi o caso de uma importante indústria de alumínio da cidade: “O presidente da associação comercial destacou o apoio da Alcan ao carnaval deste ano através de doações a todas as escolas, a fim de que possam aprimorar, ainda mais, o seu desempenho no carnaval de Ouro Preto” (ESTADO DE MINAS, 1984, n.16.146, p.2). Outro fato marcante foi a realização de um coquetel de abertura do carnaval em um hotel da cidade, assim noticiado:

Logo mais, no hotel Estrada Real, do empresário Carvalho, o coquetel de abertura do carnaval deste ano, iniciativa do citado empreendimento e da Prefeitura. Foram convidados empresários, agentes de viagens, políticos, autoridades e jornalistas, pois é desejo do hotel e da municipalidade dar nova dimensão ao carnaval, bem como, outras promoções que a histórica e turística cidade comporta. Táí uma deliberação digna de aplausos, pois, até então, nada praticamente se fazia para ativar o sistema promocional da cidade, ficando naquela de esperar ou confiando demasiadamente no seu

potencial. Hoje em dia existe concorrência, oferecimento e tudo mais para se buscar os turistas, exigindo-se, portanto, projetos nesse sentido (NETO, 1984, p.12).

Outras reportagens também se ocuparam em destacar o evento supracitado, apoiando a iniciativa. É importante ressaltar que ações como estas já poderiam ter acontecido em período anterior, o que torna necessário observar não apenas os acontecimentos em si, mas o fato de se tornarem notícia, pensando na ênfase na festa em dada ocasião. É muito significativa a mudança de enfoque no carnaval ouro-pretano de 1980 a 1984, justamente no momento em que passa a contar com as iniciativas citadas. Neste caso, é preciso levar em consideração o que envolve a publicação de uma reportagem, quais interesses e benefícios o anúncio de tais iniciativas pode significar não apenas para os empresários, mas para o próprio jornal.

Percebe-se no trecho destacado anteriormente uma clara intenção em modificar a projeção do carnaval àquela época, considerada insuficiente para promover a cidade. Na mesma reportagem, anunciou-se que o Prefeito José Leandro Filho investiria mais no seu carnaval de rua, com um aumento de cerca de 400% em relação ao ano anterior (ESTADO DE MINAS, 1984, n. 16.146, p.14).

Os resultados deste investimento já puderam ser percebidos no mesmo ano. O jornal Estado de Minas anunciou que todos os hotéis e instalações de Ouro Preto encontravam-se lotados no período do carnaval. Nesse mesmo ano, foi possível perceber a associação do sucesso da festa com a participação da iniciativa privada, por meio da declaração de um dos diretores da escola de samba Imperial: “o carnaval de Ouro Preto, neste ano vai ser um dos mais animados do interior de Minas Gerais, especialmente, por ter recebido o apoio da Alcan [...]” (ESTADO DE MINAS, 1984, n.16.146, p.14).

Em 1985, a cidade já começava a ser considerada a que tinha “a fama de apresentar a melhor celebração momesca de Minas” (ESTADO DE MINAS, 1985, n.16.411, p.3), ao lado de São João Del Rei. Mesmo com o anúncio de que as escolas de samba não desfilariam no ano de 1985, devido a pouca verba destinada pela Prefeitura, o carnaval ouro-pretano foi citado pelo jornal Estado de Minas como um dos mais importantes do estado.

Em 1986, Ouro Preto foi citada como uma das cidades mais procuradas, junto a São João Del Rei, Pirapora, Diamantina e as estâncias hidrominerais (ESTADO DE MINAS, 1986, n. 16.658, p.8). Nesse ano, a Alcan, mais uma vez, contribuiu com a festa: “Metade do investimento do carnaval de rua foi dado pela Alcan, inclusive na criação, *layout*, arte final e impressão do lindo cartaz, algo realmente digno de até ser guardado como ‘souvenir’” (ESTADO DE MINAS, 1986, n.16.674, p.18). Este apoio foi também anunciado em 1987. Nesse ano, o jornal Estado de Minas divulgou que os hotéis da cidade não tinham mais condição de receber ninguém e que, “quem já esperava por isso, cuidou logo de trazer sua barraca de camping” (ESTADO DE MINAS, 1987, n. 16.989, p.22). Outra reportagem reforçava a anterior: “Ouro Preto ficou lotada de turistas durante os dias momescos. Faltaram, inclusive, vagas em hotéis” (ESTADO DE MINAS, 1987, n. 16.991, p.3).

No final da década de 1980, o carnaval de Ouro Preto já figurava nos jornais como uma das principais festas de Minas Gerais e do interior brasileiro, demonstrando uma situação bastante diferente do início da década. Notáveis preocupações com a organização e com estrutura foram percebidas, a fim de corrigir as imprevisibilidades que caracterizavam o carnaval e promovê-lo como um grande evento. Estas mudanças não seriam sentidas apenas na forma de divulgação da festa pelo jornal e no expressivo

aumento do seu público visitante, mas também, na visibilidade e na conformação das principais manifestações, como será problematizado a seguir.

“É preciso acabar com este carnaval na Praça”⁹: o som mecânico entra em cena

No início da década de 1980, o carnaval da cidade de Salvador já começava a se tornar um dos mais destacados do país. Em meio, ainda, à grande ênfase no carnaval carioca, sobretudo, nas escolas de samba, os trios elétricos baianos ganhavam, cada vez mais, as páginas do jornal. Ferreira (2004, p.390) observa que nos anos 1980 o carnaval de Salvador já era visto como “uma verdadeira marca registrada, um produto mercadológico organizado em bases profissionais e comerciais”.

No Estado de Minas é possível perceber a divulgação progressiva deste carnaval, como exemplificam as seguintes manchetes e trechos de reportagens: “Carnaval: você já foi à Bahia?” (ESTADO DE MINAS, 1981, n.15.298, p.8); “Carnaval eletrônico dos baianos” (ESTADO DE MINAS, 1980, n. 15.009, p.5); “Em Salvador, o mais animado carnaval do Brasil” (ESTADO DE MINAS, 1985, n. 16.441, p.8); “Os trios elétricos da Bahia vão atrair multidões como nunca” (ESTADO DE MINAS, 1983, n. 15.818, p.1). Algumas, em tom de desaprovação, como esta manchete: “Os trios elétricos são mais uma agressão à pureza original do carnaval (ESTADO DE MINAS, 1983, n. 15.823, p.7)”.

A ideia de um comerciante de Ouro Preto, iniciada no começo dos anos 1980, parece ter sido o pontapé inicial para que uma nova forma de vivenciar o carnaval emergisse, tendo como características principais o som mecanizado e a música baiana, em um novo espaço da cidade. Sons mecânicos foram instalados em janelas e sacadas

⁹ ESTADO DE MINAS, 1983, n. 15.829, p3.

de um estabelecimento comercial na Rua São José (uma das principais ruas do centro de Ouro Preto), criando-se a “janela elétrica”, que se expandiu mais tarde, para outras casas e ruas da cidade. Em 1983, a janela foi assim noticiada no jornal Estado de Minas:

A originalidade do carnaval de Ouro Preto ficou por conta de Eduardo Trópia, que colocou caixas de som nos austeros balcões da Rua São José e criou a ‘janela elétrica’, versão colonial mineira do trio elétrico baiano. Com isso, transformou a rua num salão de baile [...] (ESTADO DE MINAS, 1983, n. 15.829, p3).

Percebe-se a clara associação com o carnaval da cidade de Salvador, já famoso nesse momento. A cidade mineira, impossível de comportar caminhões em suas ruas, improvisava com a mecanização do som por meio de suas janelas e sacadas. Além das estreitas ladeiras e da fragilidade dos casarões, outra característica da cidade, apontada por Duarte (2009), impossibilitaria uma exportação mais fiel do modelo baiano: apenas 5% do terreno do município é plano, enquanto 40% apresenta ondulações e 55%, solo montanhoso.

Nos anos anteriores, os comerciantes locais já haviam manifestado o desejo de que as festividades carnavalescas acontecessem na Rua São José, considerada o reduto dos antigos carnavais de Ouro Preto: “É preciso acabar com esse carnaval na Praça! – exclama o comerciante Ramiro Neves, profundo conhecedor das tradições e dos brios da rua, sendo a São José, por excelência, a Rua de Ouro Preto” (*idem*).

Em 1984, resolveu-se transferir parte da festa “oficial” da Praça Tiradentes para esta rua. As justificativas publicadas no jornal se pautavam no “renascimento” do carnaval da cidade: “Antigamente os blocos populares saíam na rua São José. Nossa ideia é fazer renascer tal tradição [...] (ESTADO DE MINAS, 1984, n. 16.137, p.6)”, escrevia o secretário de Turismo, Rogério Peret em entrevista ao Estado de Minas.

Embora as reportagens não tenham estabelecido nenhuma relação entre esta iniciativa e o anseio dos comerciantes locais em transferir a festa para a Rua São José, torna-se difícil não observar o possível interesse mercadológico por detrás do saudosismo. Ao instalar os instrumentos eletrônicos o comerciante não apenas levaria de volta à rua os ditos “velhos carnavais”, mas também o público para perto de seus produtos. Outros adeririam à iniciativa da janela elétrica e o som mecânico se tornaria uma das principais marcas do carnaval ouro-pretano.

Em 1988 já se divulgava no jornal Estado de Minas que a música no carnaval de Ouro Preto “era feita pela chamada ‘janela elétrica’ (alto falantes instalados nas janelas e sacadas), montando-se um sistema especial de iluminação, que transformou a noite em pleno dia” (ESTADO DE MINAS, 1988, n. 17.284, p.3).

Neste contexto, as escolas de samba ainda figuravam como uma importante manifestação do carnaval de Ouro Preto, mas ficaram bastante enfraquecidas e enfrentaram grandes problemas, como em 1985 e em 1988, quando deixaram de desfilar por falta de verba pública. No ano de 1985, o jornal Estado de Minas assim noticiou a situação: “[...] os diretores das escolas [...] querem mais dinheiro, alegando tanto as fabulosas despesas [...], quanto a fortuna que canalizam para as comunidades, através do turismo intenso” (ESTADO DE MINAS, 1985, n.16.411, p.3). Em outra: “As seis escolas de samba de Ouro Preto não tiveram maturidade e compreensão com as atuais aperturas financeiras em que vive a cidade e país” (ESTADO DE MINAS, 1985, n.16.417, p.2). Em 1988, a situação se repetiria: “A falta de dinheiro impede, mais uma vez, a apresentação de escolas de samba nas ruas da velha Vila Rica” (ESTADO DE MINAS, 1988, n. 17.264, p.24).

Duas questões chamam a atenção nesses trechos de reportagem. A primeira é o posicionamento declarado do jornal Estado de Minas a favor da Prefeitura de Ouro Preto, o que ajuda a pensar tanto na função política do jornal, quanto na rede de interesses que se gestava em torno do carnaval da cidade, envolvendo poder público, mídia e iniciativa privada. O crescimento da festa e a veiculação de uma imagem positiva poderiam significar benefícios para os três setores: o poder público, com a entrada maior de turistas na cidade e de novos investimentos; as empresas, com as propagandas realizadas durante a festa e nas páginas do jornal; e o próprio veículo, com a possibilidade de atração de novos anunciantes, ligados, direta ou indiretamente, ao carnaval.

As próprias crises enfrentadas pelas escolas podem demonstrar uma progressiva falta de interesse em financiar essa manifestação, já que sua maior importância parecia estar ligada à comunidade e não aos turistas que procuravam Ouro Preto. Existentes em inúmeras cidades brasileiras e com características bem semelhantes ao carnaval carioca, poderiam não se configurar mais como um atrativo turístico tão relevante, mesmo com as especificidades da cidade.

Como exemplo, no ano de 1988, foi anunciado pelo mesmo jornal que a cidade “esteve fervilhante com os ‘pulas-pulas’ quase que dia e noite, tendo como cenário as Ruas Direita e São José e a Praça Tiradentes. Na base do som mecânico, [...] o baile público acabou encobrendo as falhas, com os turistas e nativos achando tudo muito legal” (ESTADO DE MINAS, 1988, n. 17.264, p.24). As falhas referiam-se à falta dos desfiles. Mas, como procurou demonstrar a reportagem, enaltecendo as outras atrações, esta ausência não havia prejudicado a festa.

A segunda questão refere-se ao título da segunda reportagem citada, do ano de 1985: “Sem escolas, Ouro Preto reativa tradição carnavalesca” (ESTADO DE MINAS, 1985, n.16.417, p.2). Esta manchete aponta como o conceito de tradição é móvel, manipulável e interessado. Mesmo que se fundamente em certa imutabilidade conferida ao passado (HOBSBAWM, 1997), torna-se um signo, uma ideia e um discurso que podem ser aplicados em circunstâncias variadas. Nesse caso, a noção de tradição foi utilizada para mostrar ao leitor que a ausência das escolas foi positiva, já que possibilitou a recordação de formas mais “puras” e espontâneas de brincar o carnaval. Todavia, em várias reportagens do mesmo veículo, publicadas em outros anos, as escolas foram consideradas tradições legítimas da festa ouro-pretana.

O bloco Zé Pereira dos Lacaio também perdeu expressão, mesmo ainda sendo fortemente retratado como “a mais antiga sociedade carnavalesca do Brasil”, que “há mais de meio século desfila no carnaval de Ouro Preto [...] (ESTADO DE MINAS, 1984, n.16.136, p.6)”. Aliado às novas demandas citadas cresceu também a ênfase nos demais blocos caricatos. No final da década, começaram a despontar como a principal manifestação ouro-pretana. A vinculação a uma especificidade da cultura de Ouro Preto e a crescente veiculação midiática aumentariam a sua importância.

Com o deslocamento do foco da festa da Praça Tiradentes para as ruas com características mais comerciais e com o sucesso da janela elétrica, houve uma progressiva valorização de formas de se vivenciar o carnaval mais próximas do carnaval baiano, com os blocos ocupando maior destaque. Mesmo compreendendo as especificidades dos blocos ouro-pretanos, não se pode descartar as influências trazidas pelos sons mecânicos que, de certa forma, propiciaram maior visibilidade às manifestações que circulavam pelas ladeiras e a um estilo próprio de brincar que se

desenvolveu na cidade, ao contrário do que aconteceu com as escolas de samba, centralizadas na Praça Tiradentes.

O estudo das décadas seguintes identificou a consolidação da importância dessa manifestação. Houve uma explosão numérica dos blocos em um curto período de tempo, incentivada pela grande incorporação de patrocínios aos mesmos e pela ação midiática, responsável por veiculá-los como a principal manifestação do carnaval ouro-pretano. Sendo assim, pode-se considerar que as mudanças observadas guardam íntimas relações com o reconhecimento do potencial lucrativo da festa, tanto pelo poder público, quanto pelos comerciantes locais e pelo próprio jornal Estado de Minas.

Considerações finais

É possível concluir que o carnaval ouro-pretano, no início dos anos 1980, foi marcado, especialmente, por diversas manifestações criadas e organizadas pelos moradores da cidade. Era um carnaval pouco noticiado em relação a outras cidades mineiras e, muito provavelmente, pouco procurado por pessoas de fora. Nenhum grande empreendimento foi observado e nenhuma forma de patrocínio ou apoio de empresas privadas foi noticiada.

Sobre essas questões torna-se relevante fazer uma observação. A inexistência da veiculação de investimentos mercadológicos nas páginas do jornal não significa que eles não existiram naquele momento. A própria conformação dos desfiles das escolas, com premiações para as vencedoras, pode revelar algumas intenções nesta direção. Este fato leva a outra importante consideração: o reconhecimento de que não foi objetivo do trabalho ir à busca de possíveis origens do surgimento de um mercado na festa, e sim,

estudar como, em um determinado momento específico, a festa se transformou frente às iniciativas mercadológicas.

Com o seu caráter prioritariamente gratuito, era uma festa bastante vivenciada nas ruas da cidade, com os desfiles de blocos e escolas como pontos principais. Não havia ainda, ou pelo menos não era divulgada, uma programação detalhada das manifestações, o que contribuiu para pensar em certa espontaneidade e flexibilidade. O controle do tempo, fundamental em qualquer empreendimento mercadológico mais estruturado, não parecia tão importante para a festa.

Já a partir de meados da década, pode-se concluir que o carnaval ouro-pretano foi fortemente marcado pelas iniciativas em prol de um desenvolvimento turístico na cidade. No ano de 1984 aconteceram mudanças importantes que refletiriam nos próximos anos. O aumento declarado dos investimentos públicos; a parceria com um hotel da cidade; a promoção da festa por meio do Salão do Carnaval; a participação de capital privado, anunciado pela primeira vez naquele ano; e o sucesso da janela elétrica formaram um conjunto de fatores que seriam responsáveis em estabelecer um novo momento para a festa.

A pouca representatividade no jornal Estado de Minas no início da década foi substituída pelo anúncio frequente do carnaval ouro-pretano como um dos principais do estado, ocupando grandes manchetes e fotografias. A procura pela cidade, verificada por meio da venda de passagens de ônibus, também aumentou consideravelmente. No início dos anos 1980, Ouro Preto nem sequer era citada como destino preferido dos turistas; já no período seguinte, figurava como um dos principais, com o risco recorrente de esgotamento das passagens. A festa também passou a contar com esquemas de

estruturação e organização, com o claro intuito de facilitar a participação de turistas e torná-la uma das mais significativas do estado mineiro.

A descentralização do carnaval da cidade, com a retirada do foco da Praça Tiradentes, junto às demais medidas citadas, contribuiu para a perda de expressão das escolas de samba, ocasionando em uma transição das influências cariocas (bastante perceptíveis na festa nos anos anteriores) para um modelo baiano de carnaval, em alta nesse período. Também enfraqueceram os bailes populares, que foram, progressivamente, vinculados e associados à própria janela elétrica.

Com as inovações, os blocos caricatos que desfilavam nas principais ruas da cidade ganharam maior destaque e algumas questões puderam ser pensadas, tais como: o sucesso do som mecânico e do carnaval baiano, que também tinha os blocos como uma importante manifestação; e a vinculação crescente destes à especificidade da cidade, a uma festa que se objetivava promover. Como ressaltado, as escolas de samba remetiam a um modelo nacional, com uma lógica organizacional bastante comum; já os blocos, mesmo guardando relações com outras manifestações do tipo espalhadas pelo país, possuíam características com maior poder de vinculação à história da cidade, como é o caso do Zé Pereira dos Lacaios. Este bloco, mesmo enfraquecido pela ascensão do som mecânico, seria o personagem principal da divulgação midiática do carnaval ouro-pretano nos anos seguintes. As suas “remotas” origens emprestariam ao novo formato da festa, um pouco de historicidade.

Diante destas questões, é possível constatar a grande importância da década de 1980 para o carnaval ouro-pretano. Foi um período de grandes e decisivas transformações na festa. Ficou evidente o quanto a vinculação do carnaval à

possibilidade de promoção da cidade e de geração de lucros foi importante para as transformações que a festa experimentou ao longo dos anos pesquisados.

Este fato aponta a necessidade de uma permanente reflexão sobre as intenções presentes por detrás das iniciativas de mudanças, muitas vezes encaradas como espontâneas, neutras e atemporais. Da mesma forma, incita a permanente indagação aos usos da ideia de tradição. Como ressaltado, essa ideia foi cunhada para vários interesses e motivações. As escolas foram, em momentos diferentes, consideradas tradição e deturpadoras da mesma: a “tradicional” Praça Tiradentes perdeu sua majestade para os “antigos” carnavais que rolavam na São José, onde, na década de 1980, passou a imperar as recentes novidades da música baiana.

Na década de 1980, a ideia de tradição já começaria a legitimar e a justificar as mudanças empreendidas na festa, fornecendo um elo entre um passado capaz de conferir legitimidade ao carnaval e às transformações necessárias para tornar a festa um produto global, exigência de um mercado do entretenimento fortemente presente na cidade de Ouro Preto na década de 1990 e no início dos anos 2000.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrícia. **Folganças populares**: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; FAPEMIG; FCC, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

CARNAVAL de BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 06 fev. 1980. 15. 007, Primeiro caderno, p.4.

- CARNAVAL em Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 1980. 15.327, Caderno Turismo, p.1.
- CARNAVAL em pane. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 04 jan. 1985. 16.411, Caderno Turismo, p.3.
- CARNAVAL etc. e tal. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 27 jan. 1980. 14.999, Primeiro caderno, p.12.
- CARNAVAL, você já foi à Bahia? **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 jan. 1981. 15.298, Primeiro caderno, p.8.
- O CARNAVAL de Ouro Preto e suas tradições. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 fev.1980. 15.578, Caderno Turismo, p.5.
- CARROS alegóricos no carnaval de Uberaba. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 fev.1980. 15.011, 1º caderno, p.20.
- CLUBE dos Lacaio: atração de Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21 jan. 1980. 14.993, Primeiro caderno, p. 22.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras frestas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Unicamp, Cecult, 2002.
- DESFILÉ de passistas: o ponto alto de Vespasiano. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 27 jan. 1980. 14.999, Caderno Pequenos anúncios, p. 13.
- DIVERSAS. Estado de Minas, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, 1980, Primeiro caderno, p.5.
- DUARTE, Antônia Reis. **Desenvolvimento do turismo cultural da cidade histórica de Ouro Preto (Minas Gerais – Brasil), Patrimônio da Humanidade**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia). Universidad de Las Palmas de Gran Canaria . Las Palmas de Gran Canaria, 2010.
- ESTADO DE MINAS**, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p. 8.
- ESCOLAS de samba, o toque maior do carnaval de Poços de Caldas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 fev. 1980. **ESTADO DE MINAS**, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p. 8.
- ESCOLAS de samba, o toque maior do carnaval de Poços de Caldas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 fev. 1980. 15.005, Primeiro caderno, p.24.
- FELIZ lembrança vai abrir o carnaval de Juiz de Fora. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 fev.1980. 15.005, Primeiro caderno, p.24.
- FILAS e confusão na rodoviária. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 28 jan.1981. 15.335, Primeiro caderno, p.7.0. 15.005, Primeiro caderno, p.24.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das letras, 1991. p. 143-179.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

AS ILUSÕES fantasiadas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 fev. 1983. 15.818, Caderno '2', p. 1.

INCONFIDÊNCIA, campeã de OP. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21 fev. 1980. 15.018, Primeiro caderno, p.6.

JANELA elétrica. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 fev. 1983. 15.829, Caderno Turismo, p. 3.

LACAIOS, cem anos de animação. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21 fev. 1981. 15.327, Caderno Turismo, p.1.

OS LACAIOS, cem anos de animação. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p.8.

MOCIDADE Unida comanda o carnaval de Piumhi. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 06 fev. 1980. 15.007, Primeiro caderno, p.14.

MORAES, Eneida de. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

MUITA gente procura hotéis de Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 fev. 1982. 15.582, Primeiro caderno, p.14.

NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 fev. 1984. 16.141, Primeiro caderno, p.12.

NÃO há passagens, nem ônibus extra. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 fev. 1981. 15.325, Primeiro caderno, p.8.

OURO Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 fev. 1986. 16.674, Primeiro caderno, p.18

OURO Preto abre amanhã salão do carnaval. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 fev. 1984. 16.146, p.18.

OURO Preto brinca na sua Praça Tiradentes. **Estado de Minas**, 01 de mar. 1987. 16.989, p.22.

OURO Preto conta a história do carnaval. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 mar. 1984. 16.157, Primeiro caderno, 1984.

OURO Preto fecha praça aos carros. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14 fev. 1984. 16.137, Primeiro caderno, p. 6.

OURO Preto já saiu no rastro da folia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 fev. 1984. 16.146, Caderno Turismo, p.2.

OURO Preto não terá escolas desfilando por suas ruas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 de jan. 1988. 17.264, p.24.

PASSAGENS esgotadas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 28 jan. 1986. 16.658, Primeiro caderno, p.8.

POUSO Alegre instituiu prêmios para as escolas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 fev. 1980. 15.005, Primeiro caderno, p.24.

A PROGRAMAÇÃO na capital e no interior. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 fev. 1984. 16.136, Caderno Fim de semana, p.6.

EM SALVADOR, o mais animado carnaval do Brasil, a folia já começou. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 08 fev.1985. 16.441, Caderno Turismo, p. 8.

SAMBA carioca ajudará escola de Juiz de Fora. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 08 jan.1981. 15.290, Primeiro caderno, p.20.

SÃO João Del Rei anuncia o mais animado carnaval. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 fev. 1984. 16.140, Caderno Turismo, p.6.

SÃO João Del Rei promete o maior carnaval de Minas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 fev.1984. 16.142, Primeiro caderno, p.18.

SÃO João Del Rei como sempre faz o melhor carnaval mineiro. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 mar.1984. 16.153, Caderno Pequenos anúncios, p.2.

SEM as escolas, Ouro Preto reativa tradição carnavalesca. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 11 de jan. 1985. 16.417, Caderno Turismo, p.2.

SEM vaga em Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 06 de mar. 1987. 16.991, Caderno Turismo, p.3.

SERÃO filmadas as festas de Momo em Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 fev. 1980. 15.016, Caderno Pequenos anúncios, p.5.

SILVA, Henrique Barbosa da. **Ouro Prêto**. Belo Horizonte, 1969.

O SURPREENDENTE carnaval de Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 fev. 1988. 17.284, Caderno Turismo, p. 3.

OS TRIOS elétricos são mais uma agressão à pureza do carnaval. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 09 fev. 1983. 15. 823, Caderno '2', p.7.

TURISMO e cultura: o tema de Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 fev.1984. 16.146, p.14.

A UNIDOS do Bairro de Fátima abre o desfile em Ponte Nova. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 06 fev. 1980. 15.007, Primeiro caderno, p.14.

O UNIVERSAL, Ouro Preto, 1826. n.86, p.4

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio (Org.). **Cinco estudos em história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. pp. 11-40.

E o Zé Pereira abre a grande folia em Ouro Preto. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 07 jan.1983. 15.795, Caderno Turismo, p.2.

ZÉ Pereira: personagem e música. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 fev. 1980. 15.017, Primeiro caderno, p.6.

Endereço da Autora:

Sarah Teixeira Soutto Mayor
GEFUT/EEFFTO/UFGM
Av. Pres. Antonio Carlos 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: sarahsouttomayor@hotmail.com